

AS BIOGRAFIAS QUE SE DESVELAM EM *O ESCOLHIDO FOI VOCÊ* DE MIRANDA JULY

Viviane Baschiroto¹

Resumo: O artigo aborda o trabalho *O escolhido foi você* da artista americana Miranda July (1974). Abordando o conceito de biografia e de que maneira se apresenta em seu trabalho, o texto recorre principalmente aos autores Sergio Vilas Boas e a Allain de Botton para refletir sobre a temática. Também reflete sobre como as visitas feitas para *O escolhido foi você* foram determinantes para o filme *O Futuro*, mais um projeto da artista. Abordar uma vida por um viés é uma maneira de apresentá-la que exclui tantas outras maneiras. Miranda July nos apresenta as pessoas por meio de uma janela que se abre através de um jornal de classificados. Ela conhece as pessoas por intermédio dos objetos que elas estão vendendo e o porquê de os estarem vendendo.

Palavras-chave: Miranda July; Biografia; Autobiografia.

THE BIOGRAPHIES THAT ARE UNVEILED IN *IT CHOOSES YOU* OF MIRANDA JULY

Abstract: The article addresses the work *It chooses you* of the American artist Miranda July (1974). Approaching the concept of biography and how it presents itself in his work, the text recurs mainly to authors Sergio Vilas Boas and Allain de Botton to reflect on the theme. It also reflects on how the visits made to *It chooses you* were instrumental in the film *The Future*, another project of the artist. Addressing a life for a bias is one way of presenting it that excludes so many other ways. Miranda July introduces us to people through a window that opens through a classified newspaper. She knows people through the objects they are selling and why they are selling them.

Keywords: Miranda July; Biography; Autobiography.

¹ Mestre em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC, Florianópolis, Brasil). Doutoranda em Teoria e História da Arte no PPGAV UDESC. Pós-graduada em História da Arte (UNIVILLE). Graduada em Licenciatura em Artes Visuais (UNIVILLE). Atualmente é bolsista PROMOP (Programa de Monitoria de Pós-Graduação) e membro da equipe editorial da Revista Palíndromo vinculada ao PPGAV UDESC. Professora de cursos livres e disciplinas na área de História da Arte. baschirottoviviane@gmail.com

Miranda July (1974) é uma artista americana que trabalha com diferentes linguagens, transitando principalmente entre as Artes Visuais, o Cinema e a Literatura. Nas Artes Visuais, com trabalhos apresentados, por exemplo, na 53ª Bienal de Veneza em 2009 ou mesmo em um projeto de 2017 com a Artangel intitulado *Interfaith Charity Shop at Selfridges* em Londres. No Cinema, a artista produz roteiros, direção e atua em diversos filmes, projetos próprios como o filme *O Futuro (The Future)* de 2011 ou *Eu, você e todos nós (Me and You and everyone we know)* de 2005. Na literatura tem alguns títulos publicados como *O primeiro homem mau (The first bad Man)* de 2015 e *No one belongs here more than you* de 2008. Alguns de seus trabalhos, no entanto, acabam por se misturar dentro dessas categorias definidas entre Arte, Cinema e Literatura, como é o caso de *O escolhido foi você (It chooses you)* de 2011 e publicado no Brasil em 2013.

Em *O escolhido foi você*, Miranda July conta diversas histórias, resultantes de encontros com desconhecidos que a artista agendava por um jornal de classificados chamado *PennySaver*. Neste jornal, eram vendidos itens diversificados e, na tentativa de procrastinar na escrita do roteiro do filme *O Futuro*, a artista começa ligando para desconhecidos que anunciavam objetos para fazer entrevistas, sem saber ao certo o que encontraria. No artigo intitulado (*Nome omitido pela avaliação cega*) desta mesma autoria publicado na *Revista (Nome omitido pela avaliação cega)* em 2016, são abordados os aspectos iniciais do trabalho, como ele foi iniciado e como pode ser entendido por meio do conceito de montagem de Aby Warburg. O presente texto, tem por objetivo expandir as reflexões iniciais e refletir sobre as biografias que se desvelam em *O escolhido foi você* de forma a abordar o conceito de biografia e como ele se apresenta no trabalho de Miranda July.

Entre as dez visitas que Miranda July relata, uma delas é a de Andrew, de dezessete anos, que fez um anúncio para vender girinos de rã-touro por US\$2,20 cada um. Na casa de Andrew havia três tanques no quintal, como este que pode ser observado na figura 1. Durante a conversa, Miranda July vai extraindo as informações sobre ele e nos apresenta o adolescente. Andrew construiu os tanques sozinho, sem grandes estudos, apenas perguntando para as pessoas como se fazia. Ele acabou de se formar na escola e relata que um de seus momentos mais felizes foi a festa de formatura que ganhou dos pais. Descobrimos ainda que Andrew é aluno especial, possui dificuldade na aprendizagem, vai para uma faculdade em breve e tem o desejo de se formar em engenharia, pois gosta de trabalhar com as mãos. Miranda July então questiona sobre o futuro:

Miranda: E, além de um emprego, além da faculdade e depois de um emprego, que coisas você visualiza no seu futuro?

Andrew: Visualiza?

Miranda: O que você imagina?

Andrew: Tipo no futuro?

Miranda: É, qualquer coisa.

Ele olhou para o teto, invocando uma visão como se eu tivesse lhe pedido para realmente ver o futuro.

Andrew: Eu provavelmente me imagino, acho, estando na floresta e coisas assim... nas montanhas, alguma coisa assim, perto da vida selvagem. (JULY, 2013, p.71)



Figura 1. Miranda July. O escolhido foi você. Andrew. Fonte: JULY, 2013, p. 108.

Andrew faz uma pausa para se imaginar além do futuro próximo quando for entrar para a faculdade, como a pausa que fazemos para organizar uma lembrança para ser contada, é necessário pensar em uma resposta satisfatória para si e para quem pergunta. Miranda July segue no livro e compara Andrew a seus girinos, que estão em transformação, assim como o menino que logo será adulto. “Por um instante, senti o tempo como ele sentia – interminável. Na verdade, não importava que seus sonhos de vida selvagem estivessem na direção oposta do hangar para onde ele estava indo, porque havia tempo para várias vidas.” (JULY, 2013, p.76-78). Miranda July então, faz o jogo não de imaginar o futuro, mas de lembrar o passado e revela um pedaço de sua própria biografia. Ela conta que com quatorze anos começou a se corresponder com Franco C. Jones que estava na prisão. Encontrou o seu endereço em uma sessão de classificados chamada *Correspondentes na prisão* e passou a trocar cartas com ele por três anos. “Escrevíamos sobre notas escolares, motins penitenciários (Franko gravou os sons de um), meus amigos (Johanna, Jenni), os amigos dele (Lefty, Caolho), e tudo o mais em nossa vida, exceto sexo, que no início eu disse estar fora dos nossos limites.” (JULY, 2013, p.79). Miranda July conta que para que as pessoas entendessem essa estranha relação de amizade de um detento com uma adolescente, ela produziu o seu primeiro trabalho, uma peça teatral *The Lifers* que apresentou para a família e poucas pessoas em um clube punk.

O contato com Andrew a faz lembrar da jovem Miranda July, com esse tempo interminável pela frente. Em *Gaveta dos Guardados*, o artista Iberê Camargo escreve suas memórias de forma fragmentária, com lembranças do passado que vão e voltam, assim como acontece com Miranda July ao escrever sobre esses fragmentos de biografias de pessoas que encontra. O livro não foi organizado por Iberê, e a escolha não foi exatamente cronológica, o que nos coloca em um vai e vem de memórias do artista. Há uma mistura de lembranças da infância e juventude no Rio Grande do Sul, estado de seu nascimento e juventude, da vida adulta no Rio de Janeiro, das experiências como pintor, quem o ajudou no começo, dos mestres De Chirico² e Guignard³, os amigos artistas como Goeldi⁴, o tempo que passou aprendendo na Europa, o episódio criminalístico que o marcou profundamente. No texto, final Iberê Camargo tenta fazer algo mais cronológico, amarrando todos os outros textos anteriores.

² Giorgio de Chirico (1888-1978), pintor italiano.

³ Alberto da Veiga Guignard (1896-1962), pintor brasileiro.

⁴ Oswaldo Goeldi (1895-1961), desenhista, ilustrador e gravador brasileiro.

O artista escreve com o olhar voltado para o passado, como fez Miranda July ao se deparar com Andrew. Iberê mostra o seu ponto de vista dos fatos, muitas vezes até com pequenas falhas de memória. Tudo que escrevemos sobre nós mesmos e sobre os outros contém também fantasia pois é sempre a partir de um ponto de vista, o nosso. Como se em toda biografia deveria vir a advertência ‘baseado em fatos reais’, nos avisando que toda obra, por mais verdadeira que seja, não deixa de possuir ficções.

Diferente de *O escolhido foi você*, em *Gaveta dos guardados* os fragmentos de biografia são de uma única pessoa. Miranda July faz um percurso em busca de histórias de outras pessoas no *PennySaver*, Iberê Camargo refaz um percurso íntimo, interno, percorrendo os caminhos da memória. De certa forma, também o livro de Iberê Camargo seja sobre os encontros com as pessoas que passaram por sua vida, como os encontros de Miranda July com seus desconhecidos. Cada pessoa ou lembrança é um texto em *Gaveta dos guardados*, de diferentes tamanhos, porque a memória também é irregular e flutuante.

Iberê Camargo se refere o tempo todo sobre o passado que retorna, sobre suas lembranças. Percebemos que, para Miranda July, o passado também se apresenta de forma inusitada a partir de seus encontros com os desconhecidos, seja rememorando um caminho que fazia em um bairro onde morava um antigo namorado quando foi ao encontro de Pauline e seu anúncio de uma mala grande ou quando Andrew e seu futuro pela frente a lembrou de sua própria adolescência. O ato de Iberê Camargo de escrever suas memórias, e de Miranda July ao se lançar nessa busca por esses anônimos dos classificados pode ser pensado como uma experiência sem desígnio, algo que Jacques Derrida aborda em seu livro *Pensar em não ver*. A experiência seria algo como uma viagem sem desígnio, sem design, sem meta, como foi para Iberê Camargo escrever textos fragmentários sobre sua biografia ou mesmo como para Miranda July ligar para esses anúncios sem saber quais aceitariam sua visita. “E como a maioria das pessoas para quem telefonava me rejeitava, aquelas com quem eu me encontrava não eram aleatórias – nós nos escolhíamos mutuamente.” (JULY, 2013, p.61).

A experiência seria essa travessia, esse experimentar rumo a. Derrida fala muitas coisas sobre a experiência ainda, sobre como o pensamento, a interpretação de algo ocorre na experiência, que a experiência do acontecimento é imprevisível e que sempre corremos o risco de neutralizar a experiência do acontecimento pelos nossos olhos, por aquilo que antecipa. “Experiência do acontecimento é uma experiência passiva, rumo à qual, e eu diria contra a qual, acontece o que não se vê vir, e que é saída totalmente imprevisível, não pode ser predito” (DERRIDA, 2012, p.70). O outro me surpreende quando eu não o vejo ainda, completa Derrida, como acontece na experiência de Miranda July com os anunciantes. No momento em que ela vê um anúncio e liga para alguém, ela ainda está cega para o que vai vir, ela não consegue anteciper por completo o que pode acontecer ou como é a pessoa que vai encontrar. Ela possui apenas pistas, um nome, um endereço, um objeto a ser vendido e seu preço, mas os sonhos de uma vida, como Andrew relata, não cabem no pequeno espaço dos classificados. “A experiência é o que nos relaciona à apresentação do presente: algo se apresenta, temos a experiência disso” (DERRIDA, 2012, p.79). Uma pessoa se apresenta, então Miranda July nos conta a experiência desse encontro.

A biografia em *O Escolhido foi você*

Miranda July constrói *O escolhido foi você* a partir dessas experiências com o desconhecido como uma constelação de biografias fragmentadas. Sergio Vilas Boas no livro *Biografias & Biógrafos* faz uma série de levantamentos que envolvem o processo biográfico, desde questões mais técnicas, como as formas de escrita de uma biografia até mesmo questões éticas na hora de biografar. Já na introdução do livro, Vilas Boas (2002, p.11) afirma: “Ponto pacífico que biografia é o

biografado segundo o biógrafo. Em outras palavras, um trabalho autoral.” Como podemos perceber o trabalho de Miranda July, um trabalho autoral que se baseia em diferentes pessoas.

E no caso de o próprio biógrafo ser o biografado o autor afirma: “A autobiografia, ao contrário da biografia e da história, argumenta-se pela expressão da consciência. Mas o ato de narrar e de recordar é uma arma contra a solidão e a dor, memória formada de saberes, um saber transmitido e compartilhado.” (VILAS BOAS, 2002, p.59). Como acontece em menor medida com Miranda July, quando insere no livro trechos em que narra acontecimentos pessoais em meio aos outros personagens e, acontece em maior medida, em *Gaveta dos guardados* de Iberê Camargo, onde seus textos de memória se tornam também um documento de sua carreira, de seus mestres, de quem o ajudou. Também seria uma maneira de expressar sua versão dos fatos, como a angústia que sentiu ao ser acusado de um crime que não cometeu, sobre o escárnio sofrido, alimentado pela imprensa, até provar sua inocência no ocorrido. Vilas Boas (2002, p.60) completa: “As fronteiras entre imaginação e memória são difíceis de determinar, e as autobiografias e os livros de memórias funcionam como espelhos, autoconhecimento, autocriação e até autodefesa [...]”.

A biografia seria uma narrativa de eventos, como narra Iberê Camargo os acontecimentos que permearam sua vida, mas também como narra Miranda July sua própria vida a partir de outras biografias, pois no livro ela expõe sua dificuldade em conceber o roteiro para um novo filme e acaba sempre colocando um pensamento, uma lembrança, uma impressão pessoal sobre os encontros que ocorrem. Seria uma maneira de lembrar, de criar, de ficcionar o cotidiano. A vida se encontra dentro dessa narração.

Em determinado momento, Vilas Boas (2002, p.33) relembra que “até meados do século XVIII, praticamente não existiam biografias que se ocupassem de um único indivíduo”, o autor vai lembrar a coletânea de pintores, escultores e arquitetos que Giorgio Vasari reúne em *Vida dos artistas*, bem como outros títulos que tinham essa característica múltipla de biografias.

Vilas Boas recorda ainda que essas biografias de grupos de vidas como a de Vasari estavam de acordo com a hierarquia e funções sociais da época, retratando principalmente os nobres, os santos, reis, pintores e poetas. Eram raros os indivíduos comuns que eram lembrados. Ao contrário do que acontece em *O escolhido foi você*, onde pessoas comuns, grande parte morando em regiões afastadas do centro urbano da Califórnia, região de anúncios do *PennySaver* aparecem no livro de Miranda July. São pessoas como Andrew, que vendem produtos de baixo custo, objetos usados como uma mala grande ou uma jaqueta de couro, tentando fazer uma renda extra ou mesmo se preocupando que álbuns de fotografias antigos não sejam jogados no lixo. É o ordinário em destaque. Muito diferente do que acontecia na época de Vasari, onde rememora Vilas Boas (2002, p.34): “A finalidade da biografia antigamente era clara: edificar a imagem de alguém pela glória de Deus e com o aval dos santos.”. O autor ainda vai lembrar adiante que é o biógrafo quem deve acreditar na extraordinariedade do biografado.

Dentro da história da arte encontramos diversos exemplos de ambos os lados, seja de reis e santos sendo retratados com esplendor tendo seu auge na Idade Média, seja de modelos controversos sendo usados para retratá-los, como fez Caravaggio, ou o ordinário que se transforma em sublime como quando Gustave Courbet pinta os quebradores de pedras, Tarcila do Amaral transforma operários em obra de arte, ou ainda como observado no capítulo anterior quando Alessandra Sanguinetti retrata duas meninas do interior. Miranda July conta as histórias de Andrew e tantos outros e desses encontros surge *O escolhido foi você*. No livro, Miranda July ainda conta a história de Primila, que anunciou trajes da Índia por US\$ 5 cada. Primila (figura 2) era uma indiana de meia idade e tinha uma casa grande. Quando chegou no endereço, July lembrou que achava que pessoas ricas não anunciavam no *PennySaver*.



Figura 2. Miranda July. O escolhido foi você. Primila. Fonte: JULY, 2013, p. 43.

O objetivo de Primila ao vender as roupas era ajudar uma aldeia na Índia, de onde era a avó de seu marido. Ela já havia feito um bazar em casa a um tempo atrás para mandar dinheiro para que na aldeia pudessem construir um sistema de bombeamento de água e, agora trouxe novos trajes da Índia na intenção de vendê-los e mandar o dinheiro para que possam expandir seus campos. Depois de uma apresentação inicial sobre sua visita a Primila, Miranda July afirma:

E, mesmo sabendo que eu não era repórter nem alguém de prestígio, começou a me contar coisas sobre si mesma, como Michael tinha feito, como se a entrevista realmente valesse alguma coisa. Ocorreu-me que a história de cada pessoa interessa demais a ela própria, então quanto mais eu ouvia, mais ela queria falar. (JULY, 2013,p.37)

Primila contou sobre a morte da irmã, que sofria de câncer de cólon e de todo seu esforço para que no último mês de vida ela pudesse conseguir o visto para viajar para os Estados Unidos ao encontro de Primila. Contou que sua irmã tinha quatro filhos e que depois da morte dela, Primila os criou como seus. Também contou entusiasmada para Miranda July sobre como não falta ao trabalho e também como três gatinhos foram parar em suas paredes na parte do isolamento térmico e acabou adotando eles.

Ao final da visita, Miranda July escreve sobre a dificuldade de não reduzir essa pequena parte biográfica que lhe é compartilhada em algo que seja apenas a sua visão sobre ela: “Seria preciso uma vigilância constante para não substituir as pessoas pela minha própria versão ficcional delas.” (JULY, 2013, p.42). Miranda July, apesar de dar suas impressões sobre as pessoas que visita, deixa sempre um espaço aberto para que o leitor possa adentrar nas histórias com sua própria percepção, afinal de contas, nas linhas de *O escolhido foi você* não existe apenas uma biografia sendo contada. O livro é uma mistura de diversas frações biográficas unidas por uma que aglutina todas as outras, que é o

R. Inter. Interdisc. Art&Sensorium, Curitiba, v.5, n.1, p. 169 - 182 Jan.-Jun. 2018.

próprio fragmento biográfico que Miranda July nos revela. O momento em que a autora se encontra a procura de inspiração para o roteiro de seu próximo filme, um momento que mistura a preocupação e o desejo de ser mãe em breve, os pensamentos sobre como conhece pouco da própria cidade e revela também uma combinação de procrastinação e obstinação.

No livro *Nos mínimos detalhes* de Alain de Botton, o narrador do livro conversa com o leitor e expõe suas dúvidas sobre o processo biográfico. A história começa com o narrador em uma livraria, ele esbarra em um livro e o deixa cair no chão. Quando pega o livro nas mãos ele percebe que a capa se rasgou e de maneira a disfarçar a sua avaria, finge um interesse no livro. Ele percebe então se tratar de uma biografia e começa a refletir sobre esse gênero literário. “O voyeurismo das biografias tinha como pretexto a fama de seus sujeitos, quando, no fundo, o que existia poderia ter sido um desejo de bisbilhotar e ver alguém em pleno ato de administrar o negócio da vida.” (BOTTON, 2000, p.18). Depois de uma reflexão inicial sobre o assunto onde ele percebe que não é matematicamente possível que todas as pessoas no mundo possuam os seus 15 minutos de fama, ou seja, que tenham suas biografias contadas, o livro segue com o narrador tentando contar a história de Isabel Jane Rogers, por meio de seus encontros, entrevistas e relação pessoal que acaba se tornando cada vez mais íntima.

Alain de Botton expõe as dúvidas de seu narrador, se ele deveria ou não começar a biografia de Isabel pelos primeiros anos de vida, de uma forma cronológica. “Eu desejava que minha biografia fosse exaustiva, e, entretanto, de repente me ocorreu que isso exigiria não só o passado, mas o modo especial pelo qual o passado coexistia com o presente, e emergia dele.” (BOTTON, 2000, p.28). Escreve sobre a curiosidade que se tem do próprio biógrafo, de como ele pode ter descoberto aquelas informações, que talvez seria a maneira que Miranda July nos apresenta, ela nos deixa saber exatamente como ela conseguiu aquelas informações, que ela ligou para a pessoa, que combinou um horário, pegou o carro e chegou até seus entrevistados. Para biografar é necessário ter curiosidade sobre a vida do outro, uma afeição. Miranda July queria conhecer aquelas pessoas por trás dos anúncios do PennySaver. Em *Nos mínimos detalhes*, Alain de Botton escreve sobre um impulso para conhecer o outro que seria necessário à uma biografia: “Para responder àqueles que são de opinião que a nobreza da biografia e os domínios mais inferiores da afeição humana nunca deveriam se misturar, pode-se sugerir uma conexão entre a afeição e o impulso biográfico, isto é, *um impulso para conhecer o outro plenamente.*” (BOTTON, 2000, p.49).

O livro segue com cada capítulo abordando uma maneira, uma entrada para se fazer uma biografia a partir da personagem Isabel e a relação do biógrafo com ela. A vida de Isabel é contada ao leitor pela via de sua árvore genealógica, pelos gostos culinários, por memórias que o narrador pedia que viessem à tona, pela vida íntima com seus antigos namorados e, até mesmo, pela percepção geográfica do mundo de Isabel ou por meio psicológico tentando decifrar sua personalidade pela sua letra ou até leituras de mão. O narrador se esforça de diferentes maneiras para traçar esse perfil de Isabel e nos apresentar sua vida nos mínimos detalhes. Todavia, Alain de Botton coloca no meio do livro: “A curiosidade a respeito dos outros é uma escolha válida, quando se deseja evitar a introspecção – pode-se substituir a luta interior pela batalha contra os herdeiros por citações e permissão para as cartas.” (BOTTON, 2000, p.107). Quer dizer, a curiosidade pelo outro distrai o biógrafo sobre si mesmo e talvez tenha sido justamente isso que ajudou Miranda July a terminar o roteiro de seu filme. Quando ela deixou de lado a própria introspecção para se abrir para outras histórias como a de Primila, isso fez com que ela refletisse como deveria contar essa história para os seus leitores de maneira a não substituí-la pela sua própria versão sobre Primila.

Alain de Botton ainda vai refletir sobre a importância de cada pessoa para a humanidade:

Podemos dizer que a humanidade se divide em três categorias biológicas, enumeradas em ordem decrescente de importância:

[i] Ser extraordinário, e ainda assim fazer coisas comuns [sentar-se em cadeiras, procriar]

[ii] Ser comum, e no entanto fazer coisas extraordinárias [assassinato, ganhar na loteria]

[iii] Ser comum, e fazer coisas comuns [comer batatas fritas, comprar selos]

(BOTTON, 2000, p.210-211)

Essa classificação explicaria, por exemplo, o interesse em publicar uma matéria dita jornalística de uma pessoa famosa estacionando seu carro na orla da praia ou fazendo compras no shopping, seria o ser dotado de extraordinariedade, um cantor/cantora, um ator/atriz, um/uma esportista, alguém muito famoso em geral que, por estar fazendo coisas tão simples, despertaria a curiosidade do outro. Também explicaria por que os programas de TV estão também investindo em pessoas comuns, mas que fizeram algo extraordinário como perder 50 quilos em um ano, ou uma pessoa de baixa renda que com muito esforço chegou no topo da carreira. E, por último, o ser comum, que faz coisas comuns, como alguns dos personagens apresentados por Miranda July, que colecionam recortes de revistas, comercializam girinos e lenços indianos. Há ainda aqueles que como Michael, fazem ou fizeram coisas extraordinárias, como uma mudança de sexo, ou como Ron que assassinou uma pessoa. De qualquer maneira, todas as pessoas são comuns, possuem sua rotina diária, sentam em cadeiras, vão ao banco, jantam. A escolha de biografar o comum e jogar luz àquilo que é ordinário faz parte do que Sergio Vilas Boas vai afirmar, de que quem deve acreditar na extraordinariedade do biografado é o biógrafo.

O escolhido foi você e o filme O futuro

Em *O escolhido foi você*, Miranda July conta sobre o processo de escrita do roteiro do filme *O futuro*, de como acabou encontrando no jornal de classificados *PennySaver* uma maneira de procrastinar, encontrar outra coisa para fazer além do roteiro. Muitas histórias são apresentadas, como dos personagens anteriormente descritos. Os últimos são de Dina com Lynette, sua filha, e Joe, onde percebemos a junção de *O escolhido foi você* com o filme *O futuro*. Dina estava anunciando um secador de cabelo por cinco dólares, era uma mulher cheia de tatuagens, enfeites e *piercings* que vivia em um loteamento recém-inaugurado. Dina, assim como outros personagens que Miranda July encontrou, possuía um álbum de recortes de revistas com mulheres negras (figura 3). “A adolescente Dina tinha colocado fotos de revistas de mulheres negras – eram suas irmãs fictícias. Parecia que todos com quem eu me encontrava tinham uma família imaginária de papel.” (JULY, 2013, p.168). Colecionar objetos, inventar uma rotina ou personagens, parece fazer parte do imaginário de muitas pessoas com as quais Miranda July se encontrou.



Figura 3. Miranda July. O escolhido foi você. Dina. Fonte: JULY, 2013, p.169.

Depois de conversar um pouco com Dina sobre suas tatuagens, sobre sua vida de modo geral, Miranda July pediu para que ela mostrasse sua casa. Lynette, sua filha estava no quarto e sua mãe insistiu para que a garota viesse para a sala cantar para elas. Lynette cantou a música *The Climb* da cantora pop americana Miley Cyrus e logo depois dessa cena, Miranda July teve uma revelação de como deveria fazer seu filme. Ela percebeu que seu personagem Jason deveria visitar pessoas por meio do *PennySaver* assim como ela própria acabara de fazer. Mais tarde ela combinou com Dina para fazer algumas filmagens em sua casa e pediu que ela reencenasse sua visita anterior. O que aconteceu surpreendeu Miranda July quando ela chegou com as câmeras, pois Dina parou de falar como falava normalmente, tentando ser o mais correta possível e Lynette ao invés de cantar a música de Miley Cyrus desta vez cantou um rap de sua autoria. Percebendo que a situação não seria como a imaginada, Miranda July desistiu de ter mãe e filha no filme.

Sua última visita por meio do *PennySaver* se encaminhava quando Miranda July foi ao encontro de Joe, um homem de 81 anos que estava vendendo cinquenta cartões de natal artesanais por 1 dólar cada. Ao visitar Joe, percebemos que a jornada da artista finalmente fez sentido para ela. Ela conta que Joe (figura 4) era um pintor de paredes aposentado, vivia desde 1970 naquela mesma casa e que ele tinha as paredes cobertas de fotografias com a história de sua vida com a esposa Carolyn e seus animais de estimação. Os animais já haviam todos falecidos, tinham sido muitos cachorros e gatos ao longo das décadas e Joe mantinha pendurado no teto um balde com os nomes dos animais e dentro dele os brinquedos preferidos de cada um. E no quintal, Joe mantinha um cemitério de seus animais naquela casa. Ele cavou buracos de dois metros de profundidade para enterrar cada um deles próximo ao muro, pensando que se um dia alguém quisesse construir uma piscina no quintal, os animais não iriam atrapalhar. Nas paredes do muro, o nome de cada um estava gravado com um cinzel.

Joe ainda conta que, para ajudar na renda doméstica, fazia compras para algumas viúvas e um viúvo que não podiam sair de casa na vizinhança. E, uma das coisas que mais chamou a atenção de Miranda July, foram os cartões (figura 5) que Joe fazia para a esposa a décadas. Estavam pendurados na parede e continham versos obscenos e recortes de revistas. Ele conta para a artista: “Foi, eu faço cartões para minha mulher. Veja, o que faço é cortá-los em papéis como este, depois recorto fotos de revistas e jornais. Então escrevo poemas aqui, faço limeriques. Mas não sei se você vai querer ler alguns; eles são bem sujos.” (JULY, 2013, p.184). Miranda July pede que ele leia algum para ela. Joe então escolhe um que acha bom e lê:

Era uma vez uma belezura de cidade
Seus peitos eram grandes de verdade
O namorado se encantou com aquele lindo manjar
Naquelas tetas quis logo se faltar
E a mama esquerda atacou com voracidade.
(Joe para JULY, 2013, p.184)

Quando a artista saiu da casa de Joe, ela descreve como se o conhecesse a muito mais tempo. Ela ligou para ele então para que eles pudessem gravar em sua casa. “Sugeri que reencenássemos nosso primeiro encontro, eu ia bater na porta, ele me deixaria entrar, me mostraria os cartões de Natal. Certo? Sim. O.K., vamos tentar.” (JULY, 2013, p.198). Miranda July saiu da casa de Joe com muito material gravado e com ele não havia acontecido o mesmo com Dina, Joe havia sido espontâneo, improvisava em suas falas.

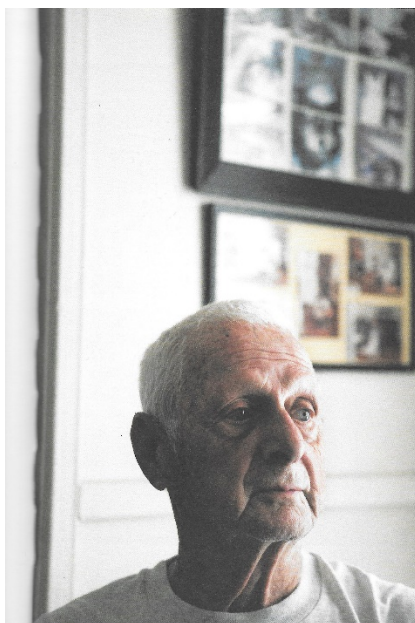


Figura 4. Miranda July. O escolhido foi você. Joe. Fonte: JULY, 2013, p183.

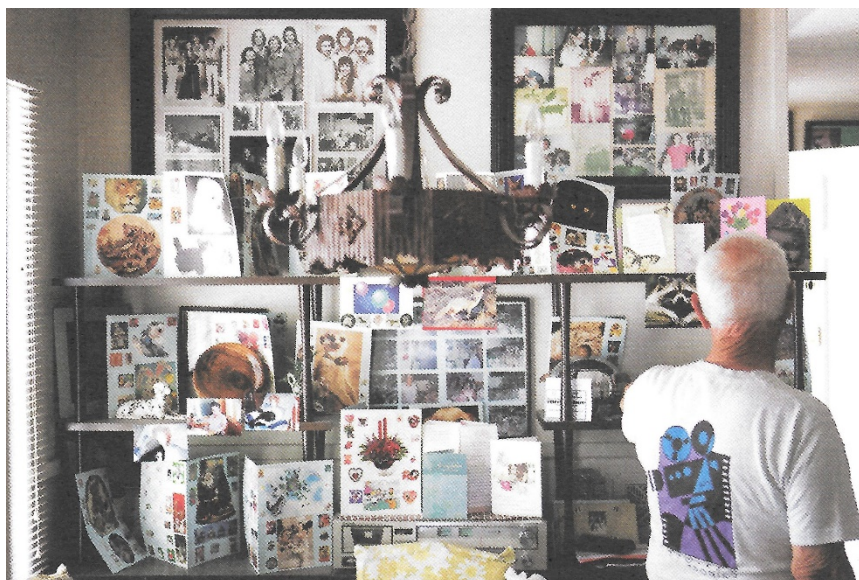


Figura 5. Miranda July. O escolhido foi você. Joe. Fonte: JULY, 2013, p. 185.

Terminando o roteiro do filme, Miranda July concluiu que seu personagem Jason não iria conhecer mais ninguém pelo *PennySaver* além de Joe. Mas, pouco antes das filmagens começarem, Joe recebeu um diagnóstico médico afirmando que ele tinha câncer em estado avançado e que teria apenas duas semanas de vida. A dúvida sobre continuar ou não as filmagens com Joe se instalou, Miranda July testou outros atores mas percebeu que eles estavam tão velhos quanto Joe e perguntou para ele se ele gostaria de continuar com o projeto e ele disse que sim. Joe ainda viveu muitas semanas depois das filmagens.

Quanto a dúvida sobre ter ou não Joe no filme, uma das coisas que Miranda July descreve que mais a incomodavam em substituí-lo por um ator é que as falas que ela escrevia para o personagem Joe na verdade eram apenas um indicativo, sendo que ele seguia em suas improvisações e a artista gostava de como Joe procedia em seus diálogos de forma autêntica. Jacques Derrida em seu livro *Pensar em não ver* aborda, entre outras questões, como a experiência abordada anteriormente, o fonocentrismo, que segundo ele seria “uma estrutura universal que não depende desta ou daquela cultura – grega ou europeia –, uma estrutura universal que afirma ou legitima a hegemonia da voz, do sonoro, portanto, sobre o visível, relativamente a qualquer outra significação não sonora.” (DERRIDA, 2012, p.76).

Existiria então um privilégio da fala sobre a escrita e que este seria universal porque todas as culturas são dotadas da voz. Ainda reflete que o fonocentrismo é essencial para pensar o *logos* (do grego *λόγος*, palavra – escrita ou falada) como narrativa, discurso, razão e racionalidade. Derrida declara que há uma hegemonia do *logos* na cultura grega, e que esta teria uma escrita fonética, que permite escrever pela transcrição do significado, ela privilegia a fala. Essa seria a forma que predomina no Ocidente que possui filiação grega “ou evangélica, uma vez que, no Evangelho de João, no início havia o *logos*” (DERRIDA, 2012, p.77). Na versão bíblica: “No início era o verbo, e o verbo estava com Deus, e Deus era o verbo” (João 1, vers. 1.). Partindo de Derrida e da cultura evangélica-grega-romana da qual somos herdeiros, se o início era o verbo, o *logos*, ele aparece como um marco, como a palavra então que dá início a existência. Dessa maneira, podemos talvez entender como a forma como Joe interpretava seu roteiro, sua direção de forma livre era tão importante. A sua fala prevalecia sobre a escrita. Miranda July havia escrito três cenas para Joe, com algumas frases que ele deveria repetir, mas ela afirma: “A maioria das falas que eu havia escrito não tinha importância, eram apenas palavras vazias colocadas para Joe improvisar.” (JULY, 2013, p.206). Havia, nesse sentido, uma preferência à fala.

No filme *O futuro* (figura 6) os personagens Sophie, interpretado por Miranda July e Jason, interpretado por Hamish Linklater, repensam o futuro a partir do momento que decidem adotar um gato juntos. No abrigo de animais eles são alertados que Paw Paw, o gato, necessita de mais alguns dias de tratamento, por isso eles devem buscá-lo em um mês. A veterinária também avisa que Paw Paw tem problemas renais graves, mas que se eles cuidarem de forma correta do animal ele poderá viver por até cinco anos. Cinco anos é muito mais do que os seis meses que Sophie e Jason haviam se preparado, mas pelo menos os dois ainda tem trinta dias até buscarem Paw Paw. No entanto, a veterinária faz um aviso, e afirma que os dois precisam buscar o gato na data combinada, pois eles estão superlotados e fazem eutanásia se for necessário.

Sophie e Jason começam a repensar a vida a partir da informação de que Paw Paw pode, na verdade, viver mais cinco anos. “Sophie: Em cinco anos nós teremos quarenta. Jason: Quarenta são basicamente cinquenta e depois de cinquenta o resto é só moedas soltas. Sophie: Moedas soltas? Jason: Não o suficiente para obter o que você realmente quer.” (THE FUTURE, 2011). Ambos largam seus empregos na tentativa de fazer algo substancial com a vida nesses trinta dias antes de Paw Paw chegar, como em uma metáfora do que fariam se tivessem apenas mais trinta dias de vida. Jason acaba se voluntariando para vender árvores de porta em porta a fim de tornar a cidade de Los Angeles mais verde. Sophie tem vontade de fazer um vídeo de dança por dia, mas acaba não fazendo. Num dos dias ela liga para um número que está atrás de um desenho que Jason havia comprado no abrigo de animais. O desenho era de uma menina e seu pai havia feito. A menina havia colocado o telefone atrás do cartaz caso alguém quisesse devolver. Sophie liga para o número e começa a conversar com Marshall, o pai da menina. Eles conversam sobre o que cada um faz da vida, sobre o tempo lá fora. Sophie esconde sua relação com Marshall e em uma das visitas a ele, acaba traindo Jason.



Figura 6. Cena do filme *O futuro*. Fonte: <http://thefuturethefuture.com>

Enquanto isso, Jason bate à porta de algumas pessoas tentando vender árvores. Algumas o atendem, outras não. Uma das pessoas pede que ele jogue fora algumas correspondências antigas, entre elas estava uma edição dos classificados *PennySaver* que ele acaba levando para casa. Jason conhece Joe ao ligar para o anúncio do *PennySaver* que estava vendendo um secador de cabelo por

três dólares, uma referência que Miranda July fez à história de Dina. Jason acaba voltando outras vezes para conversar com Joe sobre a vida, sobre relacionamentos.

Em uma noite, Sophie conta para Jason sobre sua traição, sai de casa e vai morar com Marshall e sua filha. Esse é um momento do filme onde Jason paralisa no tempo por vários dias naquela noite, tece diálogos com a lua que possui a voz de Joe. Enquanto Jason está paralisado, Sophie vai vivendo sua vida com Marshall. Ao se passarem vários dias, Jason sai do tempo paralisado um dia depois ao qual deveria ir buscar o gato Paw Paw. Ele vai ao abrigo animal e, logo depois, Sophie também procura por Paw Paw, mas este já havia sido sacrificado. Sophie acaba voltando para o apartamento de Jason e o filme termina com o casal tentando voltar à rotina e com a voz de Joe ao fundo dizendo que o começo do relacionamento deles tinha acabado.

Na escrita em *O escolhido foi você*, o que se sobressai é o testemunho de Miranda July ao contar um fragmento de sua biografia, no momento em que precisava terminar o roteiro do filme. Ela transfere da fala para a escrita, ela transforma os diálogos que teve com as pessoas que visitou em palavras. Para Derrida, a escrita está do lado da morte, torna visível o que não é, como podemos observar nessa relação do livro com o filme *O futuro*. No filme, não haveria espaço para retratar todas as visitas de Miranda July como ela mesma aponta no livro, o filme se tornaria extenso demais. Colocando apenas Joe, ela simplifica o roteiro e condensa todas as suas visitas em uma. No livro, Miranda July dá a ver aquilo que não estava visível, o seu processo criativo, o seu processo de produção, de onde seus personagens saíram. De certa maneira, o livro complementa o filme, mas ele não é um pré-requisito para ele, é uma forma de adendo, até porque o filme é ficção e o livro está mais para relato, embora saibamos que toda história é passível de perjúrio e mentira.

Considerações

Em seu livro *Padrões de Intenção*, o historiador da arte Michael Baxandall vai refletir sobre o encargo de um artista e os termos que se referem às circunstâncias que cercam a atividade. Baxandall se pergunta qual seria o encargo de um pintor/de um artista: “[...] o papel do pintor é o de fazer manchas ou traços numa superfície plana de modo que o interesse visual dessas marcas tenham um objetivo.” (BAXANDALL, 2006, p.82). Neste caso, o papel de Miranda July a princípio seria roteirizar e produzir um filme. Para Baxandall, a intenção seria uma relação entre os discursos e os elementos, ou seja, é preciso pensar os relatos do artista, que não suprem tudo, neste caso o livro *O escolhido foi você*, e o objeto frente às suas condições de produção. “Portanto, a intenção não é um estado de espírito reconstruído, mas uma relação entre o objeto e suas circunstâncias.” (BAXANDALL, 2006, p.81). Entre os objetos filme e livro e as circunstâncias em que eles apareceram.

Baxandall vai refletir sobre o caso do artista Pablo Picasso, de quais eram as diretrizes de seu trabalho, que no caso dele eram de transformar algo da realidade tridimensional em algo bidimensional. Podemos pensar que as diretrizes de Miranda July eram transformar um roteiro, a palavra escrita em imagem. E a diretriz de um artista é sempre algo pessoal, que o artista constrói como um ser social inserido na cultura. Isso envolveria as referências de Miranda July na construção de seu trabalho e também os problemas que ela quer resolver ou abordar, como repensar o futuro por meio dos personagens Sophie e Jason.

Ainda sobre a intenção de um artista, Baxandall vai afirmar que ela não é estática:

Não há somente uma intenção, mas uma sequência de inumeráveis movimentos de desenvolvimento da intenção [...]... E mais, o processo não se reduz a inumeráveis momentos de decisão e ação, mas inclui ações rejeitadas ou canceladas, decisões de não fazer ou deixar alguma coisa [...]... Tudo isso teve um efeito determinante para o quadro que observamos. (BAXANDALL, 2006, p.107)

R. Inter. Interdisc. Art&Sensorium, Curitiba, v.5, n.1, p. 169 - 182 Jan.-Jun. 2018.

Podemos observar esse processo movente de criação do filme *O futuro* no livro *O escolhido foi você*, pois Miranda July apresenta ao espectador as suas dúvidas sobre o roteiro, sobre como começou a visitar pessoas pelo *PennySaver* e que isto foi parar no roteiro de seu filme. Ela também mostra a decisão de não mostrar Dina e sua filha Lynette contrariando seu primeiro impulso e nos apresenta o seu processo de criação, as suas intenções com relação ao filme, mas também, ao mesmo tempo, apresenta as intenções com o livro.

Se as intenções nunca são uma só, como apontou Baxandall, as biografias também não o são. Abordar uma vida por um viés é uma maneira de apresentá-la que exclui tantas outras maneiras, como mesmo apontou Alain de Botton em sua ficção ou mesmo Sergio Vilas Boas quando teoriza sobre o assunto. Miranda July nos apresenta as pessoas por meio de uma janela que se abre através de um jornal de classificados. Ela conhece as pessoas por intermédio dos objetos que elas estão vendendo e o porquê de os estarem vendendo. Alguns apenas querem mais espaço para outras coisas em sua casa, outros querem fazer uma renda extra e alguns ainda não querem que alguns objetos não vão parar no lixo pois para eles fazem sentido, embora não tenham grande valor comercial.

Miranda July perocorre sua própria cidade para redescobrir seus personagens e encontra neles a parte que faltava para terminar seu roteiro. No filme ela condensa todos eles em Joe, como até mesmo uma maneira de lhes renderem uma homenagem e, no livro, temos a oportunidade de conhecer todos eles por meio de seu olhar, se sua perspectiva sobre cada um. Miranda July promove encontros com desconhecidos, essa é uma recorrência em seus trabalhos, seja ele um roteiro de filme, um aplicativo de celular, uma base escultórica, ou mesmo em *O escolhido foi você*. Promover esses encontros faz com que esses fragmentos biográficos sejam possíveis de serem contatos. Mas Miranda July não simplesmente narra a visita de cada um, ela coloca um pouco de sua própria história, sempre um fragmento autobiográfico, como reflete Alain de Botton sobre o olhar em direção ao outro e a compreensão de si mesmo: “Eu podia compreender o que movia uma outra pessoa, porque encontraria a mesma coisa, se procurasse embaixo do meu travesseiro. Eu podia compreender um fragmento de sua experiência, encontrando a mesma experiência dentro de mim mesmo.” (BOTTON, 2000, p.162-163).

Referências

- BAXANDALL, Michael. **Padrões de Intenção**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- BOTTON, Alain de. **Nos mínimos detalhes**. Rocco: Rio de Janeiro, 2000.
- CAMARGO, Iberê. **Gaveta dos Guardados**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- DERRIDA, Jacques. **Pensar em não ver**. Florianópolis: Editora UFSC, 2012.
- JULY, Miranda. Disponível em: <www.mirandajuly.com>. Acesso em: 22 janeiro 2018.
- JULY, Miranda. **O escolhido foi você**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- THE FUTURE. Direção e Roteiro: Miranda July. Produção: Gina Kwon, Roman Paul e Gerhard Meixner. EUA e Alemanha: Razor Film, GNK Productions e Film4, 2011. 91 min. 35mm. Color, Dolby Digital.
- THE FUTURE. Disponível em: <<http://thefuturethefuture.com/>>. Acesso em: 22 janeiro 2018.
- VILAS BOAS, Sergio. **Biografias & Biógrafos**: jornalismo sobre personagens. São Paulo: Summus, 2002.